

Geovah Machado: o DNA de Furnas está presente em Itaipu e Angra

O jovem engenheiro Geovah Ubirajara Amaral Machado, recém-concursado a Petrobras, fora designado para trabalhar em Camaçari-BA, distante mais de 1.500 km do Rio. Isto o deixava apreensivo: já namorava Darci, sua companheira pela vida toda. Estava com essa preocupação quando um engenheiro que trabalhava em Furnas o convidou a entrar para a empresa. Sua pergunta foi: “Qual a distância do Rio?” – “600 km,” disse o colega. Escolheu Furnas.

“Assumi no dia 05/01/1965”, conta ele, “neste mesmo prédio onde hoje funciona a APÓS-FURNAS.” Trabalhou no comissionamento das duas últimas unidades geradoras dessa que era a maior hidrelétrica da América do Sul, com máquinas de 150 MW (únicas no mundo) e com o maior contrato de financiamento de equipamentos do Banco Mundial. “Somente uma liderança do calibre de John Cotrim poderia levar a cabo aquela tarefa”, diz ele. Cotrim trouxe Flávio Lyra, Benedicto Dutra, Luiz Carlos Barreto e outros grandes nomes, e com eles foi criando uma cultura própria da empresa. “Colocamos as unidades em operação, sob a orientação de engenheiros estrangeiros e de técnicos brasileiros super experientes”, lembra Geovah. “Foi uma ótima oportunidade de aprendizado.”



Geovah: “Furnas é uma joia rara!”

Com o conhecimento e as soluções desenvolvidas em Furnas, Geovah recebeu a tarefa de implantar a Operação da Usina de Estreito, com unidades geradoras ainda maiores, de 175Mw. Recrutou uma equipe de técnicos e operadores formados no Centro de Treinamento de Furnas, o CTB. Esse curso de formação selecionava e treinava jovens da região que tinham o curso secundário, para trabalhar na operação e manutenção da Usina, com treinamento continuado, além de aproveitar na manutenção alguns montadores mais experientes que trabalharam na construção da Usina.

“Veja que temeridade: entregar a chefia da Usina a um jovem engenheiro de 27 anos!” Corria o ano de 1968, e nesta nova Usina, todos os engenheiros e técnicos eram brasileiros, que, trabalhando com muita garra, deram conta do recado.

De Estreito, Geovah veio para o Escritório Central, para ser o Superintendente de Geração Hidráulica de Furnas Centrais Elétricas. E quando John Cotrim foi incumbido da missão de construir de Itaipu, Geovah foi junto, por indicação de Luiz Carlos Barreto, para comissionar e implantar a operação de Itaipu, com unidades de 700Mw – as maiores do mundo, na época. Para cumprir a tarefa, Cotrim levou de Furnas, Julival Moraes, como Superintendente de Engenharia, Rubens Viana, como Superintendente de Obras, e outros grandes profissionais, como Flavio Decat.

Apesar de toda essa capacidade técnica e da relevância da empresa para o país, ninguém falava de Furnas naquela época. Comentando isso com Cotrim, ouviu um sábio comentário: “meu filho, que continue assim por muitos anos. Porque, quando os políticos descobrirem...” Cotrim nunca indicou para Geovah – que, como Superintendente de Operação e Manutenção de Itaipu, selecionou centenas de técnicos e engenheiros – um único funcionário para trabalhar na Operação da usina. “Cotrim foi um homem íntegro, austero, ético, honrado e tratava a coisa pública com o maior desvelo, dando exemplo pela sua forma de agir”, destaca Geovah. “Faz muita falta.”

Logo que chegou lá, Geovah preparou um plano quinquenal para implantação da operação da usina, detalhando todas as etapas e recursos necessários, consolidado num volumoso livro que submeteu ao Dr. Cotrim. “Depois de folhear o livro, o Dr. Cotrim me falou ‘bom trabalho, Geovah, mas estou mais interessado no seu “humanograma”. Qual o caráter e o preparo das pessoas que você vai trazer?’ Este era John Cotrim, que reuniu em Furnas um espetacular *humanograma* – daí o êxito da empresa. O *humanograma* que ajudei a constituir em Itaipu, sob orientação dele, foi padrão Furnas: ótimo.”

“O DNA de Furnas está em Itaipu, assim como está na Eletronuclear”, continua ele. “O programa nuclear brasileiro teve importante contribuição de Furnas na sua implementação, construção, comissionamento e formação de pessoal – especialmente para Angra I – além dos quadros iniciais da Eletronuclear.”

Geovah voltou de Itaipu como assistente de Roberto Haig, Diretor de Operação, e recebeu a tarefa de propor uma modernização da DO. Dessa proposta, resultou a integração das áreas isoladas de Geração e de Transmissão – que disputavam espaços entre si – criando os Departamentos de Produção Regional, com significativo ganho de eficiência. “Não fui diretor porque, além das limitações, não tenho perfil político”, avalia ele. Na mesma época, assumiu a presidência do Conselho de Curadores da Fundação Real Grandeza.

Ele lembra que, anos mais tarde, já na Chefia de Gabinete da Presidência de Furnas, recebeu uma ligação de Brasília, de um deputado federal que pedia uma vaga em Furnas para um conhecido seu. O deputado afirmou que falava em nome do Presidente da República – seu pai. “Tive que informar ao deputado que, infelizmente, não poderia atender,” conta ele “porque havia um Decreto Presidencial que impedia a colocação de novos servidores no período eleitoral que transcorria. Só poderia atender se o Decreto fosse alterado. Como disse, não tenho perfil político.”

Geovah trabalhou com Cotrim, Luiz Carlos Barreto, Camilo Pena e Eliseu Resende. Como Chefe de Gabinete, assumiu as funções de negociador com os sindicatos. Furnas de então tinha uma ética que vinha do comportamento dos seus líderes. “O Camilo Pena, por exemplo, pagava seus gastos de deslocamento pessoal. A empresa era tratada como coisa pública, não como bem próprio”, lembra ele. E segundo ele, essa *fibra* de Furnas veio sendo corroída do governo Collor até a privatização, “quando já era terra arrasada”. “Nos primeiros 50 anos de existência, Furnas teve 14 Presidentes, e nos últimos 18 anos já se perdeu a conta.”

Geovah dedicou 15 anos de sua vida ao órgão máximo de decisão da Real Grandeza – antes Conselho de Curadores, depois Conselho Deliberativo, primeiramente como indicado por Furnas, depois eleito, por três vezes, pelos participantes e assistidos. E na APÓS-FURNAS, desde sua aposentadoria, tem sido um dos associados que mais contribuíram em todas as causas em que a entidade se envolveu.

“Furnas é uma joia. VIVA FURNAS!”, exclama Geovah com convicção. E ele sabe que a APÓS-FURNAS não vai deixar esse brilho desaparecer.

